

Um sujeito entre o desejo e a devastação

CONSUELO PEREIRA DE ALMEIDA

A propósito do tema *Família e Inconsciente*¹, resolvi abordar a questão da família na adoção e suas conseqüências, a partir de um caso clínico de anorexia, no qual, através de seu corpo, o sujeito tenta dar algum tipo de resposta às perguntas que tratam do lugar que ele espera ter no desejo do Outro: “O que o Outro quer de mim?”; “Pode ele me perder?”. Lugar sempre e, inexoravelmente, enigmático.

Em 1909, Freud já aponta que, se de início os pais são supervalorizados, fonte única de conhecimento para os filhos, há um momento na infância no qual a criança tem a sensação de que sua afeição por eles não está sendo retribuída, ou sente-se negligenciada, ou mesmo que não está recebendo todo o amor de que gostaria, demonstrando, assim, na construção de seu romance familiar, a fantasia de ser adotada.

A chegada de uma criança a uma família, seja pela via da adoção, seja através da procriação, ou dos mais variados modos de concepção existentes na atualidade, reatualiza uma série de questionamentos não só para os sujeitos que dela já fazem parte, como também para o próprio sujeito no decorrer da vida. Questões sobre o que é um pai, de onde vêm os bebês, ou o que o outro quer de mim vão aparecer ao longo de toda existência humana.

A busca de um saber sobre a origem traz em si algo de irrepresentável quanto ao ser do sujeito. Um irrepresentável, que conforme Freud² designa, é também o lugar da morte. Contradição insolúvel, a morte é inevitável e inicia-se com o nascimento. É ao redor dessa primeira questão que o pensamento da criança, pela via da pulsão de saber, se põe em marcha, conforme demonstram as teorias sexuais infantis, desencadeadas a partir da experiência corporal da criança no investimento das zonas erógenas, na observação da sexualidade dos animais, ou com a chegada de um novo bebê. Balizada pela pulsão de saber, a criança dá início a sua pesquisa por vias particulares, guiada pelo motor de sua própria sexualidade. Pode imaginar que um bebê se produz a partir do comer, ou que sua chegada ao mundo se deu pelos intestinos.

¹ Tema do VIII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.

² Freud. Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915/1975, p. 338).

Enfim, uma série de perguntas se apresentam e se por um lado nunca cessam, por outro, a conduzem numa elaboração do pensar, organizando sua vida psíquica e seus sintomas.

Em seu seminário *A ética da psicanálise* (1959-1960), Lacan salienta que os laços sanguíneos não são importantes no que diz respeito à paternidade. O importante, na verdade, é quem ocupa o lugar tanto da função materna, como da paterna, ou seja, quem vai colocar em funcionamento a transmissão da lei simbólica, do Nome-do-Pai, e sua articulação com o desejo. Em *Televisão*, ele o reafirma, ao dizer que “a ordem familiar só faz traduzir que o pai não é o genitor e que a mãe permanece contaminando a mulher para o filhote do homem: disso resulta o resto”³. Aponta dessa forma o laço da filiação como um laço a ser construído, não é prévio. Todo pai é um pai adotivo e, mesmo quando se concebe uma criança pela via sexual, sabe-se disso e, aliás, nossa clínica aí está para confirmá-lo. É também na clínica que se verifica como pais adotivos freqüentemente se sentem inseguros para dizer a verdade da adoção a um filho, supondo que pais verdadeiros são os biológicos, quando o que está em jogo na paternidade é o desejo dos pais, sejam eles biológicos ou adotivos.

Laura, menina gordinha de nove anos, chegou ao consultório trazida pela mãe, por estar muito agressiva. O casal estava separado e a mãe, visivelmente descontrolada. No primeiro e único contato que tive com Laura, muito aflita disse: “Sinto-me responsável pela separação de meus pais”, frase que, segundo ela, era dita insistentemente pela mãe. Diante da aflição desse sujeito, pontuei que separação é assunto de adultos, do casal. Essa mínima intervenção talvez tenha colaborado para que mãe e filha não retornassem mais ao consultório, hipótese comprovada mais tarde. Três anos depois, a mãe me procura. Laura agora tem doze anos e emagreceu 25kg. Na entrevista inicial com a mãe, aparece pela primeira vez a questão da adoção, assim descrita pela mãe: “Me ligaram e eu tive 24hs para resolver. Sempre cuidei de bicho, mas criança é diferente: tem de ter responsabilidade!”. O dizer da mãe suporta um dito em que o desejo de filho vacila. Na época da adoção, o casal estava separado.

Laura foi adotada com dois dias de vida e, apesar de sua mãe dizer que desde pequena tudo sempre foi conversado sobre a adoção, o assunto permanece como um segredo e não pode ser

³ Lacan. *Televisão* (1973/1993, p. 55-56)

comentado fora da família. Ao colocar a criança numa creche ou no colégio, sempre inventa histórias sobre o parto. Interrogada sobre tal maneira de lidar com a adoção, alega ter medo de como o assunto vai ser abordado com a criança. A mãe de Laura é alcoólatra, bem como sua avó materna e um dos tios. Revelando acentuada ambiguidade quanto à adoção, a conduta materna divide-se entre a aceitação e a não-aceitação, como se, para senti-la como filha, tivesse de a ter parido.

Numa entrevista, o pai, relata que os problemas apresentados por Laura são múltiplos. Inicialmente cita o alcoolismo da mãe e as agressões verbais que dirigia a filha, a ponto de dizer que detestava mulher gorda, na época em que a mesma pesava 70kg. Em seguida, observa um “Édipo acentuado”, pois a filha dizia que ia se casar com ele e, finalmente, coloca que a sintomatologia da filha é uma maneira de libertar-se do domínio da mãe. Nas suas palavras, “o problema da mãe é que ela quer ser amada, então faz tudo o que Laura quer, só que ela gosta mais de mim”.

Nas entrevistas preliminares com Laura, aparece logo sua demanda aos pais: “Emagreci 29kg e eles nem ligaram. De três meses para cá é que ficaram preocupados, quando desmaiei. Minha mãe está fazendo um regime para mim. A cada coisa que eu como, ela diz: ‘Agora chega!’ Não consigo me controlar diante da comida, como tudo, e aí me sinto culpada e vomito. Não quero engordar. Como tanto que minha barriga fica inchada, direitinho como a barriga de uma mulher grávida”. Ao que eu então repito: Grávida! Laura estaria tentando ter uma barriga de grávida para atender ao desejo da mãe ou estaria tentando se parir com essa gravidez?

Durante várias entrevistas, o tema só gira em torno da comida, até que resolvo perguntar sobre a adoção. Laura muda completamente e diz não ser filha deles, mas que gostaria de ser filha da barriga. Não gosta que os outros saibam da adoção e não pretende revelá-la para o futuro marido, nem para os filhos. Traz vários episódios nos quais o furo do tal segredo familiar se presentifica. “Levei uma rasteira... pensava ser um segredo entre mim e meus pais”, diz ela.

Quanto ao enigma de sua origem, tenta construir algo por meio das teorias sexuais infantis e do kardecismo: “Acho que tem alguma coisa a ver com vidas passadas”. Os pais também não se

entendem quanto ao que dizer à criança sobre sua origem. A mãe diz que ela nasceu no Rio e o pai, no Sul. Certa vez, o pai lhe contou que seu pai biológico era loiro de olhos verdes e que ele a levaria para conhecê-lo, caso ela tivesse vontade. Numa outra sessão, traz um sonho: “Sonhei com um homem louro de olhos verdes que vinha me buscar e eu chorava muito”.

Os temas de suas entrevistas sempre giram em torno da comida: o modo como não consegue controlar-se, a culpa por comer em excesso; como gostaria de ter puxado à mãe, que come e não engorda; o desejo de querer ser como a mãe e só comer uma barra de chocolate. Certo dia retoma uma interpretação que eu havia feito e acrescenta um novo significante: “Acho que não tem nada a ver ficar com barriga de grávida e esvaziar!”.

No decorrer do tratamento, a mãe dedica-se a tomar conta de sua alimentação, verificando se comeu exageradamente ou se vomitou, vigiando todos os seus passos, além de trancar tudo dentro de casa. Isso é vivido por Laura como um desafio. Um desafio a essa mãe devastadora, através do ato de comer: “Eu ataco e destruo tudo”.

O sujeito vai receber sua marca do Outro primordial, essencial no desejo da criança: dele emerge a insígnia, S_1 . O desejo da criança como desejo do desejo da mãe implica que ela se identifique ao falo da mãe.⁴ Através das presenças e ausências maternas, a criança começa a perceber que algo lhe falta, a mãe quer algo para-além dela. E a mãe, como ser desejante, demonstra para a criança a possibilidade de desejar algo diferente, algo situado num para-além, o falo, como significante da falta, e que torna o sujeito desejante, colocando a criança na série de objetos fálicos.

A entrada do pai como suporte da lei, instaurado nesse lugar pela mãe, vem barrar-lhe o gozo em relação à criança. Ela deixa de ser um Outro absoluto para ser um Outro barrado, indicativo da castração materna, proporcionando à criança sua inscrição na ordem simbólica, e transformando o pai (biólogo ou não) num significante. A confrontação da castração materna na menina implica no *penisneid*⁵ e provoca diferentes maneiras de lidar com a falta de ter o falo.

A mulher, por não estar toda submetida à ordem fálica, tem algo que escapa, um gozo que aparece na devastação. Em *O Aturdido*, Lacan se refere a devastação que “constitui em sua

⁴ Lacan. *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente* (1957-58/1999, p.188).

⁵ Essa expressão aparece, pela primeira vez, em 1908, no artigo “Sobre as teorias sexuais infantis”. A inveja do pênis é vivida pela menina quando da descoberta da diferença sexual. Freud a menciona para designar a manifestação do complexo de castração na menina. Na concepção freudiana da sexualidade feminina, a inveja do pênis traz conseqüências na vida psíquica posterior da menina e na articulação de seu apego pré-edipiano à mãe, tornando a mãe responsável pela falta de pênis.

maioria, a relação da menina com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai.⁶

Em uma sessão, ao ser perguntada sobre o relacionamento dos pais, diz que eles brigam muito. Recorda-se de uma cena durante uma das brigas: ela tenta detê-los e sua mãe, alcoolizada, lhe dá um tapa. Nesse momento, o pai intervém partindo agressivamente para um confronto com a mãe. Com muito medo de que seu pai pegue o revólver e mate a mãe, Laura vai ao lugar onde sabe estar guardada a arma e acaba por colocá-la debaixo de seu travesseiro. “Eu ia para o meu quarto e ficava quieta com medo”. Pronuncia estes dois últimos significantes como se estivesse dizendo: comendo. Repito “comendo!” Ela ri. Os significantes “com medo” e “comendo” aparecem claramente ligados à morte. Afinal, quem pensou em matar e termina por colocar uma arma embaixo do travesseiro? Laura que, em sua angústia diante da briga dos pais, tem certeza de ter sido a causadora. O pai, com quem ela queria casar, pode matar a mãe por sua causa, fantasia que realiza a cena edípica e lhe traz culpa.

Na carta a Jenny Aubry (1969), Lacan recorda que a família conjugal, na sua evolução, coloca em evidência a irredutibilidade de uma transmissão que não é da ordem das necessidades, mas de uma constituição subjetiva, a qual implica a relação com um desejo que não deve ser anônimo. Este preceito fica claro na medida em que os cuidados da mãe vão portar “a marca de um interesse particularizado” e, com relação ao pai, por seu nome ser “o vetor da encarnação da lei do desejo”. Dentro da concepção lacaniana, o sintoma da criança encontra-se no lugar de responder ao que há de sintomático na estrutura familiar, ou seja, ele é representante da verdade do casal. De outra forma, quando não ocorre uma mediação pela função paterna, a criança pode ficar exposta como objeto da mãe, revelando a verdade desse objeto. Nesse lugar, tampona a falta referente ao desejo da mãe, inviabilizando-lhe o acesso à própria verdade. No mesmo texto, Lacan faz o seguinte comentário:

“O sintoma somático oferece o máximo de garantia a esse desconhecimento; é o recurso inesgotável, conforme o caso, a atestar a culpa, servir de fetiche ou encarnar uma recusa

⁶ Lacan. O aturrito (1973/2003, p. 465).

primordial. [...] na relação dual com a mãe, a criança lhe dá, imediatamente acessível, aquilo que falta ao sujeito masculino: o próprio objeto de sua existência, aparecendo no real.”⁷

⁷ Lacan. Nota sobre a criança. (1969/2003, p. 370).

Laura denuncia, com seu sintoma inscrito no corpo, um corpo que enche e esvazia, uma resposta ao que há de sintomático na estrutura familiar, uma mãe que só gosta de mulher magra, um pai que, como homem, é uma devastação para esta mulher. Laura, também devastada pela mãe que só gosta de mulher magra, segue com medo (de que o pai mate a mãe) e comendo/vomitando, tentando não só, [como no jogo do carretel, o jogo do *fort-da*], reconstituir o ato de seu nascimento em que é cuspidada para um outro, como também responder ao *Che vuoi*, um enigma afirmativo da existência de uma família, de um desejo, mesmo que mortífero.

referências bibliográficas

- LIMA, A.A. *Psicologia Jurídica: lugar de palavras ausentes*. Aracaju: Evocati, 2007.
- ANSERMET, F. *Clínica da origem*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.
- FREUD, Sigmund. (1908) Romances familiares. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. Vol.IX.
- FREUD, Sigmund. (1915) Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. Vol.XIV.
- FREUD, Sigmund. (1925) Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos". In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. Vol. XIX.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente*. (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 7: A ética da psicanálise*. (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1988.
- LACAN, Jacques. (1969) Nota sobre a criança. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.
- LACAN, Jacques. (1973) O aturdido. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LACAN, Jacques. (1973) *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1993.
- LACAN, Jacques. (1984) Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

resumo

Este trabalho tem como objetivo demonstrar que tanto na questão da adoção, como na concepção de uma criança, seja pela via sexual ou através dos mais variados modos de concepção existentes na atualidade, o laço da filiação é um laço a ser construído, não é prévio. O mais importante, na verdade, é quem vai colocar em funcionamento a transmissão da lei simbólica, do nome-do-pai, e sua articulação com o desejo. Para tal, utilizamos um caso clínico onde o sujeito denuncia, com seu sintoma inscrito no corpo, uma resposta ao que há de sintomático na estrutura familiar.

palavras-chave

Sujeito, filiação, adoção, devastação.

abstract

This work shows that as in adoption as in a conception of a child either via sexual way or beyond many existing ways of conception, the family bond is something to be constructed, not a prior warning.

The most important thing is who will transmit the symbolic law of "The-name-of-the-father" and its articulation on its desire. So we lean on a clinical case where the subject denounces with its symptom written in its body, the answer to the symptomatic family structure.

key words

Subject, filiations, adoption, devastation.

recebido

09/09/2007

aprovado

09/10/2007